

RESENHA

ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller. (Org.). *Crítica pós-colonial. Panorama de leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

LEITURAS PÓS-COLONIAIS

Maurício Silva¹

São muitos os conceitos, ideias, teorias que vêm à mente quando se fala de *estudos pós-coloniais*, essa área do saber que surge por volta dos anos 70/80 e ganha força nos anos 90/00. Da contestação das narrativas hegemônicas/legitimadoras da modernidade à desterritorialização do sujeito, da releitura dos discursos históricos e culturais, estabelecendo novos protocolos de leitura desses discursos à desconstrução do *sujeito colonial*, criado a partir de um processo de construção — pelo mundo europeu — de uma imaginário colonial, tudo isso é discutido nos ensaios que compõem essa *Crítica Pós-Colonial. Panorama de Leituras Contemporâneas* (Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013), organizada por Júlia Almeida, Adelia Miglievich-Ribeiro e Heloisa Toller Gomes.

Propondo uma abordagem mais geral dos estudos pós-coloniais, por exemplo, Júlia Almeida lembra que tais estudos iniciaram no cenário europeu, com categorias provenientes do pensamento europeu (pós-estruturalismo, marxismo etc.), mas aplicadas a situações específicas, como os sujeitos coloniais e pós-coloniais. Assim, a partir de metodologias teóricas relacionadas às condições de emergência de formas

¹ Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo. Endereço eletrônico: maurisil@gmail.com.

históricas (discursos, subjetividades, poderes etc.), o pós-colonialismo busca, segundo a autora, analisar as relações de subalternidade, os sujeitos coloniais híbridos, a subalternidade feminina, o conceitos/discursos criados na perspectiva hegemônica etc. Algumas obras, nesse contexto, afirmam-se como textos seminais — *Orientalismo* (Said, 1978), *Pode o subalterno falar* (Spivak, 1985/1998) e *O local da cultura* (Bhabha, 1994) —, procurando “revisita[r] os grandes arquivos disciplinares, dominantes, que foram as narrativas e os conhecimentos produzidos pelo colonizador” (p. 11). Outros textos, antecederam essa perspectiva, atuando como inspiração/estopim desse processo (*O condenados da terra*, de Fanon, 1961). Em resumo: “inventariar as heranças coloniais e pós-coloniais — nos sujeitos e nos saberes/poderes que os constituem — para superá-las é um dos gestos que os estudos pós-coloniais reinventam, decompondo nos discursos literário, antropológico, social, histórico, filosófico etc. os detalhes textuais que serviram aos interesses coloniais e imperialistas ocidentais e que consolidaram a episteme moderna com sua repartição entre o sujeito do conhecimento europeu e o sujeito silenciado colonizado” (p. 11). Além disso, lembra a autora, os usos críticos do termo *pós-colonial/ pós-colonialismo* sugerem um sentido “de ir além, de pensar criticamente a condição periférica desses espaços historicamente coloniais e pós-coloniais, procurando abrir novos modos de entendimento, longe de recusar as evidências de que as sociedades contemporâneas são marcadas pela tensão entre o fim da colonização oficial e sua presença reiterada” (p. 12). E completando: “O pós-colonial constitui redes de pesquisa que procuram dar visibilidade aos problemas que dos centros hegemônicos não interessa ver, verdadeiros pontos cegos que parecem resolvidos quando uma expressão é retirada de circulação — 'terceiro mundo', 'periferia' — ou quando uma

nova categoria redistribui novas relações — 'império' e não mais 'imperialismo' "(p. 28).

Outros estudos são mais específicos, como o de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, que estuda a recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra, afirmando que a obra de Franz Fanon no Brasil teve uma *recepção morna*, devido, por um lado, a nossa formação nacional avessa a conflitos raciais e assentada no conceito de democracia racial e, por outro lado, a presença reduzida de professores e pesquisadores negros na universidade, dispostos a incentivar os estudos acerca de nossa formação afro-brasileira. Nos anos 50, no Brasil, lembra o autor, a recepção de Fanon quase inexistiu, prevalecendo ainda o discurso da *negritude* de Senghor e Sartre. Possivelmente, a esquerda brasileira conheceu Fanon por meio da revista *Temps Modernes* (que publicou excertos de sua obra) e por meio do prefácio de Sartre a *Os condenados da terra* (1961). O golpe de 64 contribuiu substantivamente para essa parca recepção de sua obra, vindo suas ideias a serem resgatadas a partir do contato com o movimento americano dos *Panteras Negras*, leitores assumidos de Fanon. Em 1968, *Os condenados da terra* é traduzido e publicado pela Civilização Brasileira, mas logo tirado de circulação pelo regime repressor. Assim, enquanto Fanon passava à margem da esquerda brasileira em geral (sobretudo a esquerda marxista e militante), tornava-se mais conhecido entre a esquerda católica, menos perseguida pelo regime militar (a revista *Paz e Terra*, por exemplo, publica artigo de Raymond Domergue que toma Fanon como referência). Ainda nessa linha da influência do pensamento católico (e, agora, isebiano), Paulo Freire faz a primeira leitura consistente de Fanon, em *Pedagogia do Oprimido* (1970). Somente em 1983, continua Guimarães, seria publicada sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, mas já nessa época, jovens militantes negros (que liam esse texto desde os anos 70, em fotocópias da edição portuguesa) já

utilizavam Fanon como referência para sua luta de resistência e consciência de raça. Daí nasce a primeira reflexão mais sistemática sobre o pensamento de Fanon no Brasil, assinada pelo coletivo Grupo de Estudos sobre o Pensamento Político Africano (GEPPF), em 1981. Finalmente, sobre a recepção acadêmica de Fanon, o autor lembra que ainda hoje essa recepção é limitada.

O tema da subalternidade é recorrente no livro, como se percebe no texto de José Jorge de Carvalho, que começa lembrando que a ampliação dos estudos de cultura tem estimulado cada vez mais o cruzamento de temas, além de novas abordagens, teorias e metodologias. Nesse sentido, completa, os Estudos Culturais avançaram especialmente no campo *interdisciplinar*, refazendo esquemas de interpretação de temas diversos (Stuart Hall); a Psicanálise expandiu métodos de interpretação das expressões culturais (Svavoj Zizek); as análises marxistas da cultura se renovaram (Frederic Jameson); o mesmo pode-se dizer da teoria do gênero (Gayatri Spivak); e da Literatura Comparada, permitindo o cruzamento da teoria crítica contemporânea com teorias da linguagem (Bakhtin), do discurso (Foucault), da interpretação (Paul de Man), da modernidade (Benjamin), da desconstrução (Derrida) etc. O autor aborda, nesse complexo, particularmente a condição da Antropologia, buscando compreender como ela tem respondido à transformações da contemporaneidade, relacionando o *olhar antropológico* e a teoria pós-colonial.

Outro tema recorrente é o da questão racial: em “A problemática inter-racial na literatura brasileira: novas possibilidades interpretativas à luz da crítica pós-colonial”, Heloísa Toller Gomes lembra que analisar manifestações culturais brasileiras à luz da crítica pós-colonial resulta na exibição de *dispositivos de saber-poder* em seu funcionamento no contexto da história da colonização europeia na América: “o saber-

poder da colonialidade moldou as formas como estas se pensaram e ao mundo, condicionando em grande parte não só aquilo que foram, e fomos, como aquilo que nos tornamos após a colonização, com seus sistemas e projetos” (p. 102). Para a autora, ainda, os *estudos pós-coloniais* não só releem a produção cultural comprometida com o aparato colonial, mas também investigam as vozes discordantes e os caminhos desviantes advindos, na maioria das vezes, de povos e culturas subjugadas. Assim, a crítica pós-colonial (ramo dos Estudos Culturais) constrói um *contradiscurso* em relação às interpretações culturais hegemônicas, apoiando-se em *suportes interdisciplinares* e requerendo uma *visão comparatista* que se volta, prioritariamente, para questões de *exclusão*. A autora busca estudar, mais detidamente, a questão das relações inter-raciais, tomando como *corpus* obras da literatura brasileira. Aponta, por exemplo, tensões entre um modernismo oficial e um modernismo marginal afrodescendente (onde se situam Lino Guedes e Solano Trindade), uma *tensão permanente* que está presente em toda história de nossa literatura. Há, por isso, uma necessidade de — na abordagem crítica de nossa produção literária — se ultrapassar as perspectivas nacionalistas, hierárquicas e essencialistas ainda presentes nos estudos acadêmicos.

Há, ainda, vários outros estudos que tomam a abordagem do pós-colonialismo como fundamentação teórica, seja sobre a obra de Darcy Ribeiro (“A antropologia/antropofagia darcyniana e a consciência do colonialismo intelectual”), seja sobre Carolina Maria de Jesus (“Quando o sujeito subalterno fala: especulações sobre a razão pós-colonial”), seja ainda sobre a literatura africana (“As literaturas pós-coloniais da África lusófona” e “Paulina Chiziane e a história da poligamia”) ou afro-brasileira (“Na cartografia do romance afro-brasileiro, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves”).

Sem se esgotar nos textos aqui apontados com maior ou menor profundidade, o livro segue seu percurso em discussões diversas sobre temas contemporâneos, genéricos ou não. Dois destes estudos que acreditamos valer a pena destacar são os de Sérgio Costa (“(Re) Encontrando-se nas redes? As ciências humanas e a nova geopolítica do conhecimento”), em que o autor começa fazendo uma crítica aos critérios de eficiência impostos às ciências humanas, atualmente, pelos modelos empresariais, levando pesquisadores e professores a se tornarem meros executivos de projetos previamente definidos. Daí sua adesão à crítica epistemológica que vê a ciência como um discurso que encerra uma verdade que reproduz as relações de poder existentes, além de se afirmarem como discursos neutros. Essa crítica, segundo o autor, insere-se no âmbito dos estudos pós-coloniais, cujo ponto de partida é a constatação de que toda enunciação tem um lugar de origem. Nesse sentido, completa o autor, o *pós* do pós-colonialismo não remete apenas a uma questão cronológica, mas a uma “reconfiguração do campo discursivo, no qual as relações hierárquicas são significadas” (p. 261). Já o *colonialismo* alude às situações diversas de opressão. Assim sendo, faz sentido a reflexão de Stuart Hall de que a polaridade ocidente e o resto do mundo (*the West / the rest*) está na base da constituição das ciências sociais, tornando-se um dos fundamentos da própria ciência moderna. E, finalmente, o de Jorge Nascimento (“As margens nos meios: Rap, 'Literatura Marginal', mídias”), que estuda *Rap* (em especial dos *Racionais MC's*) como uma manifestação específica de cultura popular, uma “cultura híbrida transnacional” (p. 346). Para o autor, alguns dos artistas envolvidos com o *Rap* resistem ao processo de *standartização* promovido pelos meios de comunicação; além disso, trata-se de uma manifestação que dá voz àqueles que, historicamente, tiveram e têm suas vozes abafadas. O *Rap*, portanto, seria uma manifestação

cultural que convive, na sociedade, com uma “lógica territorial discriminatória” (p. 351), lançando mão de um discurso (muitas vezes construídos por meio de dialetos sociais) que buscam a desalienação dos moradores das periferias e das favelas.

Particularmente múltiplo, como costuma ser a própria área dos estudos pós-coloniais, este livro tem tudo para se tornar mais uma importante referência no campo das humanidades, em especial para os interessados nas mais recentes tendências dos estudos culturais.

[Recebido: 15 out. 2014 — Aceito: 30 nov. 2014]